

TEMPO DE NAMORAR

Amor à Primeira Vista

Luís Augusto Lé

Lé, Luís Augusto
Tempo de Namorar
Literatura - Infanto Juvenil
Luís Augusto Lé, Brodowski, São Paulo
Brodowski, 2013

1. Infanto Juvenil. I Título

***Capa de:
Leandro Donizeti Lé***

2013

Todos os direitos reservados ao autor

Luís Augusto Lé

e-mail: lergratis@ig.com.br

<http://augustole.blogspot.com.br/>

SUMÁRIO:

I - SOBRE O TEMPO	01
- Passado, Presente e Futuro	03
- Idéias de Gênio	04
- Perda de Tempo	06
- Olha o Tempo!	09
II -PROVA DE MATEMÁTICA	13
- A Prova	14
- Guilherme em Apuros	18
- Matemática Canção	21
III - AMOR À PRIMEIRA VISTA	29
- O Bichinho do Amor	26
- Namoro no Escuro	29
IV - EM BUSCA DE TRABALHO	36
- Tempos Modernos	37
- Meu Primeiro Emprego	39
- Meu Primeiro Dia de Trabalho	40
- Minha Primeira Entrega	42
- Vida Diferente	45
V - MILAGRE ÀS AVESSAS	48
- Procissão	48
- Bênção dos Pães	52
- O Milagre	54
- Babaca ou ingênuo?	59
- Cadê os pães?	61
VI - O TERÇO	64
- Primeiro Mistério	65
- À Procura de Isabela	68
- Não Beba Quentão	72
- Canção	74
- É Agora ou Nunca	76
VII - FÉRIAS DE JULHO	80
- Gumercindo	80
- Cheque Especial	83
- Proposta Irrecusável	85

- Gente de Canção	87
VIII - SONHOS E INCERTEZAS	90
- Sonhos	91
- Será Carla?	94
- Será Bruna?	99
IX - CORES QUE MEXEM	103
- Presente de Aniversário	103
X - ADMIRADORA SECRETA	110
- Apressada	110
- Eu Te Amo	113
XI - MISSA DO GALO	117
- É Natal	119
- Presente de Natal	123
- Um Esmero!	124
- Devendo Explicações	125
- A Vilã dos Meus Sonhos	127
- Revelações de Isabela	130
- Acena Alegria	131

DEDICATÓRIA:

A minha esposa Mônica e minha filha Gabriela.

CAPÍTULO I

SOBRE O TEMPO

O tempo é mesmo revoltado. Quando não é sol quente, é tempestade ardente. Que tempo desconcertante! Talvez eu compre um *desconfiômetro* para dar de presente ao tempo.

Por falar em tempo, que horas são? Dez minutos para meia-noite. Eis outro tempo confuso. Como não bastasse o tempo (estados atmosféricos), olha o tempo (medição da duração dos fenômenos) a controlar a minha vida com seus ligeiros segundos! Este tempo também precisava de um *desconfiômetro*. É tão chato que acelera seu ritmo só para nos contrariar. Quer a prova?

“Era sábado. Eu estava diante da única boate da cidade. Por ser o único ponto de encontro das noites Brodowskianas, várias pessoas transitavam pela calçada, zanzando de um lado para outro, gastando o tempo, esperando a boate abrir. Ansiosamente eu esperava minha amiga Graziela. Tínhamos combinado de ir ao baile naquela noite. Ela não havia aparecido. De repente, esbarrou-se em meu ombro esquerdo um gracejo de menina, usando um conjunto preto de bermuda, uma mine blusa azul-marinho e um batom de enlouquecer. Fascinante! Era noite de baile. Certamente seria a melhor noite da minha vida: de encontro marcado, perfume importado do Paraguai e camiseta nova. Que frio! Que fria! Quem poderia esperar que chovesse naquela noite de um céu repleto de estrelas? Começou a choviscar. Foi aumentando, aumentando e desabou uma tempestade. Que tempo imprevisível! Tinha de chover naquele instante? Falta de sorte, seria o consolo a ser aceito por alguém que não tinha sorte mesmo. Foram quarenta e cinco minutos de sofrimento na expectativa. Meu semblante resplandeceu fortalecido de

esperança. A chuva se acalmou, restando apenas os reflexos das luzes noturnas e algumas gotículas a ondular nas poças d'água. Que horas seriam? Olhei para o relógio: o visor digital marcava meia-noite e meia. Por que a preocupação com o tempo? O baile havia apenas começado. Na verdade, para mim, o baile havia terminado. Minha amiga não apareceu. Exatamente às duas horas da madrugada fui embora triste por que ela não cumpriu seu compromisso. *'Desculpe-me, Léo. O tempo foi o único culpado. Choveu pra caramba ...'*, assim, desculpou-se minha amiga, no dia seguinte”.

* * *

Gostou? E como vai você? Todo começo parece chato. Com o tempo a gente se acostuma e acaba se identificando com certas situações.

Gostaria de participar de sua leitura. Há séculos que alguns poucos autores se permitem a dialogarem com seus amigos leitores. Estou com alguns problemas e você é a pessoa que me ajudará a transpor todas as barreiras narradas pelo chato autor deste livro -- que me criou para ser sua cobaia. Um revoltado!

Prosseguindo com o nosso cordial diálogo (não é sempre que um personagem fictício consegue romper a barreira do mundo imaginário para conversar com alguém real), mais uma vez imploro pela sua ajuda. Continue lendo, torcendo por mim, ajudando-me a superar os obstáculos de minha adolescência, sendo aquele ombro amigo sempre presente nos momentos mais difíceis.

Nesse instante, você deve estar meio confuso, talvez não entendendo minha súplica. Peço que continue lendo, mesmo que você esteja achando esse começo de narrativa muito chata. Prometo que será uma emocionante viagem pelo vale da imaginação. Em se tratando de um personagem tímido é bom ir preparando um pacote de lenços descartáveis. Evidente que vou sofrer muito nas mãos do escritor.

Se você conseguir chegar até o final da história prometo-lhe dar uma bala de caramelo. Promessa de gente fictícia. Combinado?

Passado, Presente e Futuro

Nossa vida é movida paralelamente ao tempo cronológico. É ele quem controla nossos compromissos, quem nos coloca diante dessa cilada de passado, presente e futuro. O tempo é intransponível, imprevisível e pode ser comparado com o vento. Apesar de que a física quântica vem demonstrando que a matéria pode sim ocupar mais de dois espaços ao mesmo tempo em universos paralelos.

Mas voltando ao vento, há momentos em que ele sopra a favor, recobrando-nos de felicidade e sorte, refrescando nosso corpo do calor infernal de dias calorentos. Outras vezes, o vento sopra contra, recobrando-nos de infelicidade e azar, gelando nosso corpo nas manhãs de invernos rigorosos.

É óbvio afirmar que o passado constitui o tempo anterior de que vivemos até pouco antes desse exato momento. É tudo aquilo que já ocorreu. Não importa seu grau, o passado é imutável, invariável pelo presente ou futuro. Portanto, é uma cicatriz incurável e incorrigível.

Alguma vez você já apostou corrida com sua sombra? Quando você corre de costas para o sol, a projeção no chão de sua sombra dispara na sua frente, sendo impossível alcançá-la (futuro). Quando você corre em direção ao sol, a sua sombra estará correndo atrás de você (passado). Quando o sol se encontra posicionado verticalmente ao seu corpo, ninguém será o vencedor, porque ambos alcançarão o mesmo destino ao mesmo tempo (presente).

O presente é anterior ao futuro; é o estado em que vivemos a todo instante. O presente é o átimo de nossa vida e nos acompanha desde o princípio de nossa existência. No presente vivemos nossos atos cotidianos.

O futuro é uma incógnita em sua essência; porém, é a matéria-prima transformada em presente. O tempo segue em

direção ao futuro, colecionando memórias no passado, construindo histórias no presente. O futuro desperta no ser humano a esperança de um mundo cada vez melhor, a expectativa de os sonhos que levamos conosco se transformarem em realidade. O futuro é uma nova chance que a vida nos dá para mudarmos muitos detalhes em nossas vidas.

Um exemplo prático: se alguém que amávamos profundamente, após algum tempo de união vivendo de momentos mágicos e inesquecíveis; de súbito, vem a nos abandonar ao léu, não é motivo para nos atirmos numa sepultura e assinar nossa própria certidão de óbito. Tudo o que passou tem seu preço, seu valor. Há muito mais para ser vivido e degustado no momento presente que antecede o futuro. Lembre-se disso: o futuro será sempre uma reserva de renovação para nosso momento presente.

Ideias de Gênio

Que perda de tempo! -- muitos se queixavam ao saírem pela porta do clube.

Pudera! O que existia de bom lá dentro? Quase nada.

Da rua ouviam-se os ruídos do som vindo do interior da boate. Um som tão estridente, a centenas de watts, que além de prejudicar qualquer diálogo, futuramente causaria algum mal à audição.

Cigarro? Era praticamente impossível. Uma fumaceira miserável de embaçar os olhos, entupir as narinas e um fedor horrível que atingava até mesmo a cueca.

Bebida? Tinha de tudo quanto era espécie e sabores. Os bruxos da idade média ficariam boquiabertos e invejariam as inúmeras fórmulas criadas através das misturas alcoólicas, que essa moçada da geração do século XXI adorava provar.

Beber é bem diferente de se envenenar. É importante para o fortalecimento de nossa personalidade não exagerar na bebida. Os covardes nunca assumem seus próprios erros nem

fraquezas. Muitos bebem para perder a timidez; outros para esquecer suas briguinhas amorosas. É uma fórmula barata, mas perigosa, de resolver os problemas individuais.

Na boate, de saudável, só restava dançar. Isto faz bem para o corpo e a mente. Infelizmente não havia espaço nem mesmo para respirar no meio daquele amontoado de gente, imagine então para dançar.

Permanecer do lado de fora, na rua, driblando o vento e o sereno, era mais interessante que ficar muito tempo no interior da boate, adoecendo-se aos poucos.

Às vezes, eu encontrava algum colega inspirado para um diálogo, normalmente usufruindo-se de assuntos cômicos e sem o compromisso com a verdade. Meras balelas para passar o tempo.

Somados às sátiras, críticas e muitas gargalhadas, a noite se tornava mais divertida, menos melancólica. O que valia mesmo era a amizade, a descontração, o companheirismo.

Numa dessas noites de sábado, apareceu meu amigo e vizinho Júnior, sempre trazendo novas e inusitadas ideias. A princípio falava como Einstein, mas exagerava em sua ciência com um pé no presente e outro no futuro.

__ Saudações, amigo Júnior?

__ Felicitado pelas saudações, o mesmo retribuo ao gentil colega. Há quanto tempo que não nos vemos, hein, Léo?

__ Tempo? Essa história de tempo é um assunto muito sério.

__ Sério quanto eu -- acrescentou Júnior.

__ Talvez. Como vai indo aquele nosso ambicioso projeto?

__ O codificador de frequências audíveis?

__ Exatamente, Júnior. O aparelho capta e distingue as vozes de cada pessoa em qualquer tipo de ambiente.

Júnior, sorrindo, ajeitou os óculos e corrigiu:

__ Não. Esse projeto já foi para o museu, Léo. A grande novidade é o chip "pensamento-digital".

__ O quê é isso?

__ É um pequeno aparelho que capta os pensamentos alheios, separando-os numa frequência distinta e individual -- revelou Júnior, sem temer ouvidos alheios.

__ Como funciona essa nova engenhoca?

Indiferente à verdade, talvez prevendo o futuro, meu amigo metido à cientista, explanou:

__ Esse chip é instalado em seu cérebro. Todo o controle é realizado automaticamente ao pensar nas palavras-chaves. Simples, não é mesmo?

__ Fabuloso! -- exclamei, estupefato.

__ Basta olhar para a pessoa que você deseja "ouvir os pensamentos" que o sistema é automaticamente ativado. O segredo está no desejar, no controle mental. Basta o anseio para a sintonia vir a canal aberto. Não é realmente fantástico?

Fiquei boquiaberto. Perplexo com o futuro (era óbvio que o assunto não revelava seriedade). Imagine o que seriam dos meus pensamentos às avessas? Teria de tomar mais cuidado ao pensar em algo sigiloso. Parabenizei meu amigo Júnior pela sua genialidade.

__ Quando essa engenhoca entra no mercado?

__ Isso é segredo, Léo. Aliás, passou da hora de ir para Pasárgada, porque lá sou amigo do Rei. Tenho de acordar amanhã bem cedo. Não quero perder a missa das sete horas na capela São José -- disse Júnior, despedindo-se, apressado.

__ Até breve, caro amigo cientista.

Perda de Tempo

O silêncio interior voltou a ser minha única companhia. Adentrei na cobertura próxima à portaria da boate, escorei-me na parede, mantendo o pé esquerdo sobre o degrau inferior e o pé direito sobre o degrau superior. Olhei para o relógio: duas horas da madrugada.

O movimento de boêmios no interior da boate havia chegado ao auge. A tendência era diminuir gradativamente,

como se fizéssemos um pequeno furo na base de um copo cheio d'água.

Fixei o olhar em direção ao interior da boate, com a esperança de flertar algum olhar distraído, algum olhar imaculado. Distraído? Todos os olhares femininos estavam distraídos. Nenhum se voltava para mim.

Pela porta de entrada, à esquerda, minha visão alcançava o fundo do salão. A garota que procurava não aparecia em meu campo visual. Certamente ela se encontrava no segundo ambiente da boate, no andar superior.

De súbito, uma garota dirigiu seu atraente sorriso em minha direção. Levando em conta a lei da Física que diz que um raio de luz se propaga em linha reta, desde que não seja desviado por algum obstáculo, tive a certeza de que ela realmente olhava para mim. Afinal, obstáculos não existiam entre nós.

Ninguém transitava pela porta de entrada e o porteiro permanecia sentado em sua banquetta. A princípio pensei que fosse alguma miragem e olhei novamente. Outro sorriso, idêntico ao anterior, veio acompanhado de um olhar sedutor, refletido no gelo seco.

Um olhar persistente indicava algum interesse. Mas o medo prevalecia ao desejo. Sempre me ocultava em meu canto, na expectativa de algum milagre ocorrer.

Assim permaneci alguns minutos, apenas apreciando de longe, inerte. Desejava que ela tomasse a iniciativa e concretizasse aquele sorriso com algum tipo de recado. Como, por exemplo, uma bala ou um recado de alguma amiga dela, marcando um eventual encontro na praça da igreja Matriz.

Tolice!

Se eu fosse extrovertido, não seria o mesmo café com leite de todas as manhãs. Os tímidos temem a repressão psicológica. Essa desculpa esfarrapada de que "se eu fosse ..." é tão inútil quanto ficar sentado num banco de praça, contando as estrelas até o amanhecer. Nunca chegaremos a lugar algum. Tomar a iniciativa, agir, é preciso.

Não demorou muito e a garota que me olhava, virou-se de costas para mim, desaparecendo-se de meu campo visual.

A verdade era árdua. Quanto mais sonhava, menos o tempo se importava comigo e corria veloz com seus segundos: já era mais de duas e meia. Nem tudo estava perdido. A garota de meus sonhos, por um instante, passou rente a minha face, bem diante de meus olhos e foi embora, sozinha, embalada pelo seu orgulho. Ou seria mera objeção de meu pensamento covarde?

Desencorajado, apenas com o olhar, segui seus passos de princesa, sonhando com o acalento daquele andar sedutor. Permaneci estático, como uma estátua de bronze abandonada ao relento. A timidez era algo de se admirar ou se lamentar. Será que nunca mudaria minha maneira de agir, de ser? O medo de revelar meus sentimentos mais sinceros sobrepujaria eternamente meus desejos? Se é que podemos afirmar que em sentimentos há mais sinceridade que interesse.

Mais uma vez, para não perder o costume, havia passado o tempo em branco, imóvel, escravizado pelo medo de amar. Perdi tempo?

Quem sabe estaria perdendo tempo com aquela história de tempo. Desde que me conhecia por gente, praticamente em tudo já tinha ocorrido uma certa mudança; como na gramática, na consciência, na tecnologia, nos costumes, na economia. Enfim, tudo se modificava; exceto eu que permanecia mesmo cabeça dura de outrora.

A cada nova geração acrescentamos, abstraímos e alteramos a estrutura geral do mundo. Por exemplo, a juventude brasileira atualmente tem a liberdade que os jovens dos anos rebeldes lutaram para conquistá-la. Infelizmente, poucas pessoas aproveitam essa liberdade para evoluir seus pensamentos de uma forma crítica e construtiva.

A verdadeira liberdade proporciona o aprendizado mútuo, o respeito pelos limites alheios e a troca contínua de experiências. É preciso que a juventude atual aprenda a desfrutar de sua liberdade de uma forma mais racional e

saudável. Tudo tem limites: a vida, a razão, a paciência, as cidades, nossos esforços e a própria liberdade.

Olha o Tempo!

Seja o tempo a medida de duração dos fenômenos, época ou um estado atmosférico; em verdade, o tempo merece ser homenageado numa poesia. Todo tímido tem esse lado poeta. Veja como a poesia é estupenda, é adolescente, é mágica. Adolescente é um poeta nato.

Olha o tempo!
Tempo de chuva.
Sabor de uva.

Tempo sem tempo.
Com o tempo atrasado.
Vegetando no passado.

Na loucura do tempo.
Em busca do futuro ...
Que tempo burro!

Tempo de vento.
Agita o orvalho.
Balança o galho.

De tempo em tempo.
Olha a brisa!
Algo reprise.

Tempo de aventura ...
De busca de ideal ...
Tudo fica mais legal!

No ritmo do tempo.

Na carona da lua cheia.
Coração pego por uma sereia.

Tempo de sorrir ...
Viver irisado.
Não ficar calado.

Acariciar o tempo.
Dizer a verdade.
Recheá-lo de amizade.
Tempo de veracidade.
Sair do mundo dos sonhos ...
Acordar para a realidade!

É uma poesia que enche os olhos de lágrimas e os lábios de felicidade. Não precisa exagerar, né, escritor?

Imagine se não existisse o tempo. O mundo ficaria pausado, sem movimento, sem memórias para serem recordadas e cultuadas. Viveríamos os mesmos dias, os mesmos momentos, igualmente, infinitas vezes. Que tédio!

O homem descobriu e inventou instrumentos capazes de registrar qualquer acontecimento num determinado átimo do tempo para que num futuro próximo, ou longínquo, fossem novamente vistos e apreciados pelo nosso sentido visual e auditivo: uma janela, uma memória, uma cópia do passado.

Apesar de toda tecnologia, trata-se de uma cópia morta do passado. Não podemos fazer nada, a não ser ver, ouvir e recordar calados. São registros abstratos que não nos permite senti-los com o tato, nem interagir em qualquer uma de suas peças.

Assim se fortaleceu o registro da história, através do desenho, da escrita, da fotografia, da gravação de áudio e de imagens em movimento.

Sabemos que a escrita é o meio mais popular de prolongar um fragmento do passado. Por exemplo, quando lemos uma carta escrita há vinte anos, lemos as mesmas palavras,

respeitamos as mesmas pontuações e até podemos fazer várias cópias sem quebrarmos a estrutura original de seu conteúdo.

Experimente escrever uma carta para você mesmo, descrevendo tudo aquilo que achar de mais importante que esteja vivendo nesse momento. Guarde essa carta em algum lugar bem seguro. Passado alguns anos, releia. Você verá que muita coisa mudou em sua vida. A todo instante, há tempo para mudar a nossa maneira de agir e viver.

Assim era a rotina de meu final de semana. Sempre com uma poesia na cabeça, sempre no mundo da lua.

Faltava apenas dez minutos para as três horas da manhã. A portaria da boate já tinha sido liberada. Era só entrar e se divertir.

Divertir? O tédio havia tomado conta de mim, apesar de a esperança de estar com minha amada em meus braços ainda se mantinha acesa.

Amanhã seria um novo dia.

* * *

Gostou do primeiro capítulo? Tenho plena certeza de que você não entendeu nada de minha história. Não desanime. Tudo tem seu tempo e o começo é sempre assim: estranho, enfadonho, incompreensível.

Quando você se aprofundar no âmago da história -- cobaia da imaginação desse intolerante escritor – Perceberá que perdemos tempo na vida, deixando as oportunidades e os bons momentos escaparem pelas entranhas dos dedos.

Pelo conteúdo que você leu, dá para ter uma ideia de como sou: acanhado, desanimado, brincalhão e apaixonado por alguém. Aguarde mais um pouco e você descobrirá quem é essa pessoa. Por que o escritor não me criou como sendo um personagem corajoso, feito um playboy que vive cercado de belas loiras de olhos azuis, um carro conversível turbinado e uma carteira cheia da grana?

É preciso que você continue lendo. Se carecer de um ombro amigo, onde encontrarei? Na poeira silenciosa acumulada numa pilha de livros sobre uma prateleira qualquer de alguma biblioteca?

É importante que você conheça minha história e participe dela, amparando-me da narrativa melancólica e despeitada desse escritor desajustado. Vai ser uma parada difícilíssima; se não unirmos nossas forças, não faço ideia de meu destino.

CAPÍTULO PROVA DE MATEMÁTICA

Após um domingo daqueles de enfastiar qualquer cristão, juro que estava morrendo de saudades da segunda-feira. A semana havia apenas começando. Tratei logo de pular da cama. Dei uma rápida ida ao banheiro e corri até a cozinha para preparar e saborear aquele apetitoso café da manhã.

Olhei no relógio. Ainda faltavam dez minutos para as sete horas. Terminei rapidamente de escovar os dentes. Peguei minha bolsa escolar e saí ligeiro, pedalando a Escavática - minha bicicleta azul - seguindo rumo à escola.

Ao entrar no pátio externo da escola, observei um certo nervosismo estampado no semblante de alguns colegas de classe. Logo descobri a razão de todo aquele temor: a prova de matemática com o professor Petrusco. Março era um mês muito corrido, farto de provas mensais e inúmeros trabalhos escolares.

Não tinha medo de provas; apesar de ter sido reprovado duas vezes: na terceira e quinta série. Curiosamente, essas duas séries eram de números ímpares e primos.

Ainda bem que nunca fui uma pessoa supersticiosa, senão estaria preocupado em reprovar novamente, porque estudava na sétima série: um número ímpar e primo. Isola!

Próximo ao estúdio de som, Mariana conferia os últimos exercícios de matemática com suas amigas Fernanda, Tatiana e Alessandra.

Na extensa mesa verde-escura, onde os alunos tomavam a sopa no recreio, Guilherme implorava “pelo amor de Deus” para Eduardo lhe explicar alguns exercícios de matemática, quando apareceu a dupla de espertalhões.

Fernando, juntamente com Pedro, formava a dupla de espertalhões da minha classe e aprontavam de tudo um pouco. Sempre saíam ilesos de suas artimanhas.

__ Você sabia que o Guilherme faltou da escola na semana passada para fazer as unhas em Ribeirão Preto? Perdeu a aula de matemática. Agora, fica nesse desespero -- caçou Fernando, sentando-se ao lado do pobre rapaz.

__ Cuidado hein, Guilherme? Se você repetir, seu pai já prometeu que vai tirá-lo da escola e colocá-lo para trabalhar na oficina mecânica do Calão -- avisou Pedro, tapeando-lhe de leve as costas.

Guilherme sorriu, levando na esportiva, e foi conciso com a dupla:

__ Tudo bem. Já sei o que pretendem com o elogio. No recreio prometo repartir o lanche com vocês.

__ É assim que se fala, Guilherme. Na prova pode contar comigo e com Pedro. Pare com essa bobagem de estudar. Fique tranquilo que vamos passar para você aquela cola de números -- garantiu Fernando.

Pedro confirmou a promessa, balançando a cabeça para cima e para baixo. Guilherme com um olhar confiante agradeceu-lhes pela troca de favores, apertando as mãos da dupla:

__ Combinado, gente boa.

Fernando e Pedro pegaram as suas bugigangas – não havia melhor adjetivo para caracterizar o estado lastimável em que se encontrava o material escolar da dupla - e, saltitantes, foram procurar outra vítima. Não havia mais tempo para matutar nada.

Beem ...

Soou o primeiro sinal de entrada para a sala de aula. Não perdi tempo e corri para a fila. Não pela pressa de realizar a prova. Havia algo muito especial e mais interessante para ser apreciado: uma princesa!

A prova

Exatamente às sete horas e dez minutos, o professor Petrusco entrou na sala de aula com aquele humor de sempre: